

# Cisco equipa escola para educação 3.0

Empresa americana monta unidade no Brasil pensando em oferecer soluções de tecnologia para o mercado educacional

**Conrado Mazzoni**  
cmazzoni@brasileconomico.com.br

A educação brasileira vivenciou uma mudança estrutural na última década. Favorecido por um esforço de programas do setor público, o maior acesso de estudantes de camadas de renda mais baixa no ensino superior ilustra o crescimento no número de jovens na sala de aula. Passada a etapa quantitativa, a evolução qualitativa depende de um salto de qualidade. E a tecnologia pode agilizar o aprendizado.

Atenta às iniciativas inovadoras dos principais centros educacionais em todo o mundo, a líder global de equipamentos para redes de computadores Cisco Systems organizou um programa para dividir conceitos com educadores brasileiros. Tecnologia não só pela tecnologia, alertam os executivos da empresa. Mas uma estratégia de modelo educacional.

O ponto de partida da Cisco é a influência global da educação. Seja em educação à distância, em algum ambiente híbrido, semi presencial, com data center, banda larga, ou em alguma solução colaborativa como vídeos, a ideia é entender a realidade das novas gerações. Da infraestrutura da sala de aula até a chamada “educação 3.0”, na qual os professores terão de ampliar os métodos de pedagogia, lançando mão de redes sociais e outras mídias, se necessário.

A profunda análise feita pela empresa americana conclui que se algum país desejar criar valor das novidades tecnológicas precisa treinar jovens talentos.

“No Brasil, as condições agora estão ideais para um projeto consciente de transformação na educação”, segundo avaliação de

**Novas gerações precisam de um método de aprendizado pertinente a uma realidade de informação disponível em diversas mídias**

Michael Stevenson, vice-presidente global de educação na Cisco. É o executivo à frente da operação global da Vertical Education, a unidade de educação da companhia que começou a operar no Brasil. Na semana passada, a Cisco promoveu um evento com representantes de faculdades de todo o Brasil, apresentando os objetivos no mercado brasileiro.

A percepção de Stevenson é de que as escolas brasileiras estão mais à vontade para usar tecnologia e inovar. O executivo não falou em números, mas enfatizou que será investida uma quantia significativa na área comercial para promover o projeto da empresa na educação.

Além do Brasil, mais seis países fazem parte do escopo da empresa no setor: China, México, Austrália, Reino Unido, Arábia Saudita e Estados Unidos. “Foi uma escolha baseada no desejo do país de desenvolver o que chamamos de sociedade do aprendizado. Nessa diversidade, podemos aproveitar para comparar situações entre países”, revelou o vice-presidente.

Olhando para o futuro, Stevenson acredita que haverá uma necessidade das pessoas ganharem habilidades rapidamente, pois terão mais disponibilidade para trocar empregos.

Todo esse aparato requer uma verdadeira aceitação dos gestores de educação. É sabida a resistência do meio acadêmico a ideias emergentes do mundo empresarial. A Cisco parece consciente desse desafio no Brasil. “Temos que fazer as pessoas entenderem a necessidade de ter uma visão de negócios dentro da instituição de ensino”, relata Stevenson. É meio caminho de reinventar a qualidade do aprendizado. ■



**Matéria**

**Matéria**